



MUSEUS À LUPA

Museu Abade Pedrosa/MIEC Santo Tirso



Dois em um como forma de inovar, seduzir e dinamizar

Textos de **Pedro Olavo Simões**

INFORMAÇÃO ÚTIL



RUA UNISCO GODINÍZ, 100
4780-366 SANTO TIRSO
252830410

Aberto de terça a sexta, das 09h00 às 17h30, e aos sábados e domingos entre as 14h00 e as 19h00. Naturalmente, o acervo de escultura, ao ar livre, é visitável a qualquer dia e qualquer hora.



FOTOS: PEDRO GRANDEIRO / GLOBAL IMAGENS

Dois em um, fórmula que, se usada em produtos de higiene capilar, pode gerar desconfiância, é, em Santo Tirso, o motor de uma notável, vanguardista e estimulante proposta museológica. Dois museus umbilicalmente ligados – o Museu Municipal Abade Pedrosa e o Museu Internacional de Escultura Contemporânea – pela mestria dos dois mais renomados arquitetos portugueses, Álvaro Siza e Eduardo Souto de Moura (dois resultando num), funcionam como polo criador de dinâmicas de muitos sentidos e ritmos, ligando o património concelhio, da arqueologia à arte urbana contemporânea, e colocam aquele município do distrito do Porto nas rotas do turismo arquitetónico, bem mais significativas do que poderemos supor.

Cumpridos dois anos sobre a entrada em funcionamento desta dupla estrutura/entidade, será melhor perspetivá-la anotando o que existia antes. E isso era o Museu Muni-

pal Abade Pedrosa, mostruário do espólio arqueológico concelhio inaugurado em 1998 e instalado, como ainda hoje, no piso superior do que foi a hospedaria do mosteiro de São Bento, edifício de finais do século XVIII que ao longo dos anos conheceu vários usos, incluindo o de Paços do Concelho. Inaugurado em 1989 e acolhendo o acervo recolhido pelo clérigo que dele é patrono, doado ao município em 1940, o museu não era, portanto, antigo, mas seguia um modelo expositivo já ultrapassado. Além disso o edifício, por via da diversidade de usos e da sucessão de intervenções *ad hoc*, estava muito descaracterizado e era disfuncional em aspetos como a climatização ou o acondicionamento de reservas, entre outros. Quanto à coleção de arte pública contemporânea, começou a ser constituída em 1990, numa iniciativa municipal que teve como mentor e comissário o escultor Alberto Carneiro (1937-2017) e que

Os espaços que correspondem ao Museu Abade Pedrosa, na hospedaria do mosteiro de São Bento, foram devolvidos à pureza do ambiente monástico, tanto nas salas de exposição permanente, encadeadas pela transparência das vitrinas, como no corredor, "ponte" para o território



Escadaria do edifício de Siza e Souto de Moura seduz, em qualquer ângulo, e é vista, em tom de brincadeira e de orgulho, como a 55.ª escultura do museu

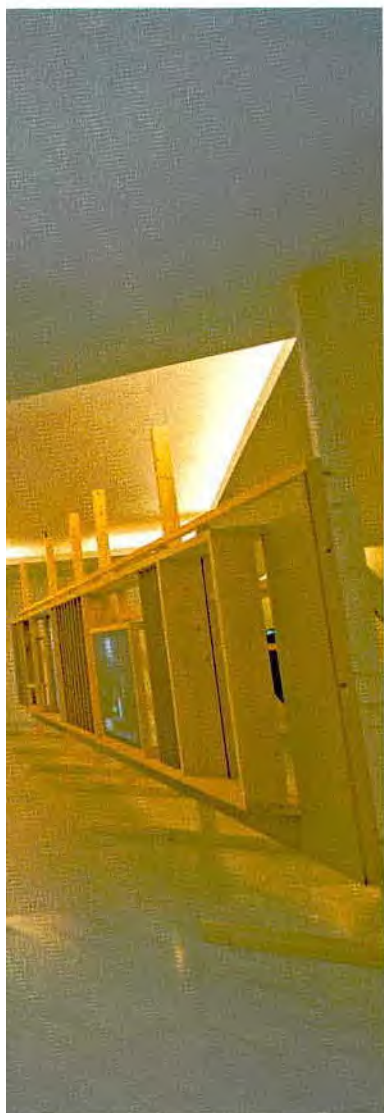
continua em permanente evolução (ver peça ao lado).

Siza e Souto de Moura intervieram em torno da criação de duas portas: uma de entrada, para a escultura, e uma de saída, para a arqueologia. Explique-se. No caso do museu de escultura, a coleção está fora, espalhada pela cidade, funcionando o moderno edifício como uma espécie de centro interpretativo, com centro de documentação e espaços para exposições temporárias. Quanto à arqueologia, da pré-história à força moldadora da região que foi a indústria têxtil, está presente em artefactos, mas a narrativa museológica está também pensada para, através da projecção contínua de filmes apelativos, levar o público a visitar os próprios locais onde os materiais expostos foram recolhidos.

O resto é arquitetura. E não é pouco.

Há, claro, o valor intrínseco da intervenção. O edifício construído de raiz, que constitui a porta de entrada para o conjunto dos museus

(acolhe ainda a livraria, a cafetaria e o serviço educativo), motivou, ele próprio, um acréscimo considerável do número de visitantes (os museus receberam cerca de 20 mil pessoas em 2017, registando este ano um acréscimo na ordem dos 0,7%). É notável, por exemplo, a escada que conduz ao piso inferior e aos espaços de exposições temporárias, apontada pelo diretor, Álvaro Moreira, como “a 55.ª escultura do museu”. Mas há também a forma notável como os arquitetos devolveram ao corpo do museu de arqueologia a atmosfera monástica havia muito perdida, usando com mestria a iluminação natural e fazendo da sucessão de salas de exposições, com apenas uma grande vitrina envidraçada em cada uma, a linha do tempo em que o visitante se insere, propiciada pelo perfeito alinhamento das portas entre salas, não havendo quaisquer elementos distrativos, apenas ecrãs interativos de utilização simples e com informação clara e muito completa.



"Trade Winds", do irlandês Michael Warren, com outras esculturas em segundo plano



Obra expressionista em aço, sem título, de A-Sun Wu, escultor de Taiwan



Exposição permanente mostra o percurso tirsense através da arqueologia, sendo rematada pela referência ao têxtil, que revolucionou o concelho

Vanguarda democrática de expor a céu aberto

ALBERTO CARNEIRO foi o mentor e o dinamizador da coleção de arte urbana que se tornou marca distintiva de Santo Tirso ao longo dos últimos 28 anos, havendo duas obras dele ("Água Sobre a Terra" e "O Barco, a Lua e a Montanha", ambas instaladas na Praça Camilo Castelo Branco) no acervo de 54, espalhadas pela cidade, que está prestes a ser aumentado: uma escultura do basco Ernesto Knorr está pronta a ser instalada no Parque Urbano de Gião, e está perspectivada a chegada de obras do também espanhol Fernando Casás e do alemão Robert Schad, ambos com vincadas ligações a Portugal. Além da transfiguração de Santo Tirso, definitivamente na rota internacional da arte urbana, a presença de tantas manifestações artísticas reforça, agora, a ligação dos tirsenses ao seu museu, que, não tendo de ser o ponto de partida para um mergulho neste mundo, é definitivamente o mais aconselhável dos começos.